

A TEORIA DO ATOR-REDE E A SOCIOLOGIA DA AÇÃO PÚBLICA NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ACTOR-NETWORK THEORY AND THE SOCIOLOGY OF PUBLIC ACTION IN COMMUNICATION AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE RESEARCH

TEORÍA DEL ACTOR-RED Y LA SOCIOLOGÍA DE LA ACCIÓN PÚBLICA EN LA INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN E INTELIGENCIA ARTIFICIAL

Guarim Liberato¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i84.3622

Recibido: 21/10/2025 | Aceptado: 22/10/2025 | Publicación en línea: 06/11/2025.

RESUMO

Este artigo discute a aplicação da teoria do ator-rede e da sociologia da ação pública nas pesquisas em comunicação. Essas duas correntes de pensamento da escola pragmática francesa buscam compreender como a sociedade e as políticas públicas são moldadas por relações de poder, mediações, dinâmicas sociais e interações entre diversos atores, tanto humanos quanto não humanos. A proposta do artigo é analisar em que medida a convergência entre a teoria do ator-rede e a sociologia da ação pública permite uma triangulação metodológica com teorias da comunicação, nas pesquisas no campo da comunicação, combinando métodos e técnicas de pesquisa. O objetivo é gerar subsídios para a construção de um modelo de análise que permita estudar o ciberespaço, as redes sociais, o uso e a regulação dos sistemas de Inteligência Artificial nas plataformas digitais no Brasil. Com base na revisão bibliográfica realizada é possível afirmar que é possível realizar a triangulação teórico-metodológica sugerida.

Palavras-chave: Teoria do Ator-Rede. Sociologia da Ação Pública. Comunicação. Inteligência Artificial.

ABSTRACT

This article discusses the application of actor-network theory and the sociology of public action in communication research. These two currents of thought from the French pragmatic school seek to understand how society and public policies are shaped by power relations, mediations, social dynamics, and interactions between various actors, both human and non-human. The article proposes to analyze the extent to which the convergence between actor-network theory and the sociology of public action allows for a methodological triangulation with communication theories in communication research, combining research methods and techniques. The objective is to provide support for the construction of an analytical model that allows for the study of cyberspace, social networks, and the use and regulation of Artificial Intelligence systems on

¹ Doutorando em Comunicação, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: guarim@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7596-3326>

digital platforms in Brazil. Based on the bibliographic review carried out, it is possible to affirm that the suggested theoretical-methodological triangulation is feasible.

Keywords: Actor-network Theory. Sociology of public Action. Communication. Artificial Intelligence.

RESUMEN

Este artículo analiza la aplicación de la teoría de actor-red y la sociología de la acción pública en la investigación en comunicación. Estas dos corrientes de pensamiento, provenientes de la escuela pragmática francesa, buscan comprender cómo la sociedad y las políticas públicas se ven moldeadas por las relaciones de poder, las mediaciones, las dinámicas sociales y las interacciones entre diversos actores, tanto humanos como no humanos. El artículo busca analizar en qué medida la convergencia entre la teoría de actor-red y la sociología de la acción pública permite la triangulación metodológica con las teorías de la comunicación en la investigación en comunicación, combinando métodos y técnicas de investigación. El objetivo es generar apoyo para la construcción de un modelo analítico que permita el estudio del ciberespacio, las redes sociales y el uso y la regulación de los sistemas de inteligencia artificial en plataformas digitales en Brasil. Con base en la revisión bibliográfica, se puede concluir que la triangulación teórico-metodológica sugerida es factible.

Palabras clave: Teoría Actor-Red. Sociología de la Acción Pública. Comunicación. Inteligencia Artificial.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar, por meio de revisão da literatura, uma visão geral dos conceitos, categorias e métodos da teoria do ator-rede (TAR) e da sociologia da ação pública (SAP) que possam ser aplicados nas pesquisas em comunicação, em articulação com as teorias da comunicação (TC), especialmente, sobre o desenvolvimento, o uso e a regulamentação e da Inteligência Artificial (IA) nas plataformas digitais no Brasil.

Busca-se, uma articulação teórica que possibilite uma análise abrangente e interdisciplinar, mas com foco no estudo dos processos comunicacionais em contextos de ação coletiva e políticas públicas. O objetivo é gerar subsídios teóricos e metodológicos para a construção de um modelo de análise que permita estudar o uso e a regulação dos sistemas de IA nas plataformas digitais, também conhecidas como IAs comunicativas, bem como suas implicações políticas, econômicas e comportamentais.

Parte-se do pressuposto de que essa triangulação epistemológica e teórica possa reunir elementos convergentes e complementares, mesmo com suas divergências e algumas contradições, e ofereça ferramentas teóricas e metodológicas para os estudos em comunicação, bem como as decorrentes iniciativas regulatórias e as políticas públicas.

Essa triangulação teórica e metodológica está sendo sugerida por compatibilizar a ênfase em redes, materialidade, mediações, associações, controvérsias e traduções (TAR), e abordar os fluxos discursivos, as mediações e o simbólico (TC), considerando que a regulação da IA também envolve poder, processos políticos e institucionais (SAP). E, porque a IA, como indica NATALE (2021), é um campo altamente interdisciplinar, caracterizado por uma gama de diferentes abordagens, teorias e métodos, o que também pressupõe uma abordagem interdisciplinar.

Vamos nos concentrar particularmente na construção de uma modelo de análise para a IA comunicativa, ou seja, para o estudo da regulação dos sistemas de IA que são projetados para entrar em comunicação com usuários humanos, por meio de aplicativos ou plataformas digitais.

As IAs comunicativas, segundo Natale (2021), incluem aplicativos e plataformas que envolvem conversa e fala, como processamento de linguagem natural (PLN), chatbots, bots de mídias sociais e assistentes de voz de IA. Neste sentido, a IA comunicativa afasta-se do papel histórico da mídia enquanto meros canais de comunicação, uma vez que a IA também atua como produtora de comunicação, com a qual humanos (assim como outras máquinas) trocam mensagens.

O CAMPO DA COMUNICAÇÃO

A constituição do campo científico da Comunicação tem sido objeto de intenso debate acadêmico, envolvendo tanto pesquisadores do próprio campo quanto estudiosos de áreas afins. Enquanto alguns teóricos defendem sua autonomia disciplinar, sustentando que a Comunicação possui objetos, teorias e métodos específicos, outros enfatizam seu caráter inter/transdisciplinar, propondo um diálogo constante com disciplinas como a Sociologia, Psicologia, Antropologia, Ciência Política, História, Cibernética, entre outras.

A comunicação como ciência social de caráter interdisciplinar, tem direta conexão com as tecnologias da informação e da comunicação, que transformaram e continuam transformando a sociedade moderna em sociedade da informação e do conhecimento. Norbert Wiener previu o impacto transformador das tecnologias digitais (Wiener, 1970). A partir dos anos 1990, a

comunicação mediada por computador tornou-se objeto central das pesquisas em comunicação, exigindo a revisão de categorias teóricas com a evolução da Internet e a ascensão da Inteligência Artificial (IA) e dos algoritmos. Autores como Gunkel, Trento e Gonçalves (2017), e D’Andrea (2019) alertam para a necessidade de integrar tais inovações nas pesquisas em comunicação. Esses autores abordam o leque de possibilidades para uma “comunicação computador-humano”. A escala vai do computador utilizado como mero meio de transmissão de mensagem à interlocução humana com o computador entendido como um agente inteligente com quem usuários humanos interagem.

Desse modo, a comunicação passou a assumir um papel de “ciência piloto”, sintetizando saberes de áreas como ciências cognitivas, da informação e da IA. (Santaella, 2003). Para Marialva Barbosa (2000), a comunicação se transformou num campo em contínua mutação, incorporando novas abordagens (como estudos algorítmicos e pós-humanistas); mantendo seu caráter transdisciplinar, sem abrir mão da autonomia; e, enfrentando questões éticas emergentes, como o poder de agência das máquinas e os vieses algorítmicos.

Nesta mesma linha, Muniz Sodré identifica a emergência progressiva de uma forma de vida autônoma na contemporaneidade – ainda que não exaustiva da realidade total –, que, articulada pelo capital e estruturada tecnologicamente, redefine as interações humanas através de sistemas sociotécnicos, o que já podemos considerar uma aproximação com teorias e metodologias de pesquisa sobre o ciberespaço e alguns pressupostos da teoria do ator-rede. (Sodré, 1992, p. 7-8).

Jesús Martín-Barbero, outro autor clássico da Comunicação, a considera uma ciência autônoma, com objeto próprio (as mediações e os processos simbólicos), mas que dialoga com outras ciências, como a história, a antropologia e a política, o que lhe dá um aspecto transdisciplinar. Para este autor, a comunicação se tornou uma questão de mediações mais do que de meios, uma questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento. A análise das mediações, por sinal, é uma das ferramentas da teoria do ator-rede, e que possibilita uma operação de deslocamento metodológico para rever todo o processo da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o lugar das resistências e da apropriação a partir de seus usos.

A reflexão sobre a autonomia epistemológica do campo da Comunicação é central para entender a comunicação como ciência. Martino (2017) defende a autonomia epistemológica da Comunicação, contrapondo-se à ideia de que ela seria interdisciplinar por natureza. Em sua obra, argumenta que a excessiva dependência de outras ciências sociais dilui a identidade do campo,

dificultando o desenvolvimento de teorias e métodos próprios (Martino, 2017, p. 227). Ele estabelece limites sobre o que é campo, disciplina e teorias:

"Se falarmos em campo, necessariamente teremos um enorme conjunto de teorias, não articuladas entre si, relativas aos vários saberes que aí se encontram. Mas se falarmos de disciplina, evidentemente teremos que ser mais rigorosos, pois, antes de tudo, teremos que estar em condições de reconhecer uma teoria da comunicação". (Martino, 2007, p. 127).

Essa discussão é antiga, e, desde suas origens, a Comunicação foi marcada por essa característica, como observamos no trabalho seminal de Schramm (1963), que aponta Lazarsfeld, Hovland, Lewin e Lasswell — como os quatro fundadores do campo da Comunicação ou da "Mass Communication Research". Esses pioneiros, antes de buscar uma teoria da comunicação, aprofundaram-se em domínios alheios para depois buscar o rigor epistemológico de um campo em permanente evolução.

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

A mesma discussão em torno da formação do campo da Comunicação se estende para a definição do que seriam as Teorias da Comunicação. Isso ocorre porque as mesmas dificuldades epistemológicas que envolvem a definição do campo da Comunicação estão presentes na definição das Teorias da Comunicação.

Um estudo sobre o estado-da-arte das teorias da comunicação, apresentado por Braga, Lopes e Martino (2010), revela um conjunto de teorias marcadamente heterogêneas, evidenciando a ausência de consenso sobre seus contornos epistemológicos, o que demonstra que não temos uma ideia muito precisa do que seja uma teoria da comunicação, mesmo que elas existam, a despeito de todo e qualquer obstáculo colocado à sua definição.

A dificuldade em definir o que são as Teorias da Comunicação está, portanto, diretamente ligada à própria ambiguidade do campo da Comunicação, que oscila entre uma ciência autônoma e um campo interdisciplinar; ou a um conjunto de abordagens aplicadas.

Como Martino (2006) aponta, não há consenso sobre o que constitui uma Teoria da Comunicação, mas sim um mosaico de perspectivas que variam conforme as escolas epistemológicas (funcionalismo, crítica, pós-estruturalismo); objetos de estudo (mídia, discurso, tecnologia, recepção); e contextos geopolíticos (teorias latino-americanas vs. anglo-saxônicas).

TEORIA DO ATOR-REDE

A história da ciência é marcada por transformações profundas na forma como compreendemos o conhecimento, a realidade e o próprio sujeito que a conhece. No Ocidente, as ciências sociais, em particular, emergem de uma longa trajetória filosófica que começa com a noção de um sujeito racional de René Descartes (1596–1650) e desemboca em teorias contemporâneas que dissolvem essa centralidade em favor de redes de relações entre humanos e não-humanos, como na teoria do ator-rede, por exemplo. Se antes perguntávamos: "quem é o sujeito do conhecimento?", hoje perguntamos: "como as relações e os actantes produzem realidade?". A ciência, assim, torna-se uma prática coletiva e distribuída, onde o social é sempre um efeito de conexões.

Para Latour, a ciência não é uma representação da realidade, mas um processo de construção coletiva, onde laboratórios, instrumentos e discursos participam ativamente, e o social não é feito apenas de humanos, mas de redes de actantes – humanos e não-humanos, objetos, tecnologias, instituições.

A teoria do ator-rede (TAR) é, portanto, uma abordagem sociológica que busca inicialmente entender como as redes sociais e tecnológicas se formam e se transformam. Uma teoria que desafia as dicotomias tradicionais entre sujeito e objeto, humano e não-humano, natureza e cultura, propondo que todos os elementos envolvidos em uma rede (actantes) possuem agência e influência na construção da realidade. (Tonelli, 2016).

A TAR, portanto, é uma abordagem sociológica que busca explicar o social e entender como as redes sociais e tecnológicas se formam e se transformam. Essa proposta teórica-metodológica permeia a obra de Bruno Latour, e foi sistematizada por ele em alguns livros, tais como em: “Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora” (1998), “Jamais fomos modernos” (1994); e “Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede” (2012), entre outros.

No pensamento de Latour, presente nestas obras, nota-se um movimento de abertura, uma ruptura com a teoria social tradicional e a proposta de um caminho alternativo, reconhecendo as interdependências entre os elementos e os agentes que constituem as redes, estabelecendo “conexões que transportam transformações” (Latour, 2012, p.160).

Para além das dicotomias, Latour sugere variações, movimentos de continuidade e complementaridade, numa visão pós-humanista e simétrica, que coloca humanos e não humanos

em situação de equivalência, onde a natureza, as tecnologias, os algoritmos e outros seres não-humanos também desempenham um papel fundamental na formação da sociedade. Isso faz com que as categorias fixas e estanques sejam diluídas, imersas em uma rede na qual ocorrem cadeias de associações entre humanos e não humanos, pessoas e objetos, ambos com poder de agência. É preciso revisar o objeto, bem como a metodologia das ciências sociais, em razão dos elementos heterogêneos que as associações comportam em um “movimento peculiar de associação e de reagregação”. (Latour, 2012, P. 39).

Segundo Latour, a TAR foi criada a partir de três eixos fundamentais: i) os atores ou actantes; ii) as redes; e, iii) as controvérsias. Sendo que os actantes criam ou constroem redes sociotécnicas heterogêneas por mediação, tradução e delegação, e a simetria entre os elementos humanos e não humanos. E, por meio das controvérsias, cria-se o quadro metodológico para registrar tal construção.

Assim, o autor busca reexaminar as contradições na esfera do social a partir das controvérsias e do que ele chama de “cinco incertezas”: i) a natureza dos grupos; ii) a natureza das ações; iii) a natureza dos objetos; iv) a natureza dos fatos; e, v) os tipos de estudos nas ciências sociais. (Latour, 2012, p. 42).

A CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS

Para Latour e Callon, a controvérsia é o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o social aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. A visibilidade dos actantes e das redes se dá nas controvérsias. Sendo a TAR uma teoria, a cartografia de controvérsias é a sua metodologia. Essa abordagem metodológica busca mapear disputas sociotécnicas, revelando como atores humanos e não-humanos se associam, disputam significados e estabilizam (ou desestabilizam) redes. É pelas controvérsias que vemos o social em sua tensão formadora, em seu magma, como destaca Venturini (2010, 2012).

A cartografia de controvérsia é, portanto, parte do instrumental metodológico da TAR. Uma abordagem que se concentra em mapear e analisar disputas e debates em torno de questões científicas, tecnológicas e sociais, destacando como os atores humanos e não humanos se envolvem na construção e na transformação dessas controvérsias. As cartografias de controvérsias nada mais são do que formas de desenhar a distribuição das ações, os elos e

caminhos que conectam os actantes, os diagramas da mediação e agenciamentos, ou formas de revelar cosmogramas. (Lemos, 2013).

O primeiro passo na sua aplicação é definir o escopo da controvérsia, identificando os atores envolvidos (humanos e não humanos), os temas em disputa e os contextos sociais, políticos e tecnológicos. Utilizando técnicas como a etnografia, entrevistas, análise de documentos e de conteúdos, observação e diagrama de redes, o pesquisador mapeia os atores e suas relações. Ferramentas visuais, como diagramas de rede, são frequentemente usadas para representar essas conexões.

SOCIOLOGIA DA AÇÃO PÚBLICA

A sociologia da ação pública é uma corrente de pensamento com forte tradição na França no estudo e análise das políticas públicas. Foi o desenvolvimento de novas maneiras de se compreender os sentidos da ação pública, ou do agir público, que deu origem à sociologia da ação pública ou, como também define Pierre Muller, o processo de “sociologizar” a análise das políticas públicas, reconhecendo que a ação pública ocorre em um ambiente de negociação entre atores múltiplos que estão dentro e fora do Estado (Muller, 2000, p. 189).

Assim como a teoria do ator-rede, a sociologia da ação pública também tem suas raízes na sociologia pragmática francesa - corrente teórica que emergiu nas décadas de 1980 e 1990, principalmente a partir dos trabalhos de autores como Luc Boltanski, Laurent Thévenot, Michel Callon e Bruno Latour.

Ambos os enfoques reconhecem que a ação não está restrita a humanos, mas envolve redes de atores humanos e não-humanos (TAR) ou uma multiplicidade de agentes institucionais e não-institucionais (SAP). As duas abordagens estudam como instrumentos técnicos (leis, relatórios, tecnologias) moldam a ação coletiva, com ênfase nos dispositivos e mediações. Enquanto a TAR lança um olhar mais amplo sobre as redes heterogêneas e sem hierarquia pré-definida, a SAP investiga com mais foco como atores disputam a definição de problemas públicos e a formação de políticas.

Em síntese, a sociologia da ação pública se caracteriza por analisar o "agir público" como um fenômeno social complexo, onde a construção de políticas públicas e a governança são entendidas como resultado da interação entre atores estatais e não estatais, dentro de um contexto

social, econômico e político, na definição de Pierre Lascoumes e Patrick Le Galès (Lascoumes & Galès, 2012).

Para Lascoumes e Galès, a ação pública é um espaço sociopolítico construído tanto por técnicas e instrumentos quanto por finalidades, conteúdos e projetos de ator. A ação pública não pode ser reduzida a um simples processo técnico, mas sim como uma arena onde diferentes atores com diferentes projetos e interesses se encontram e negociam para moldar a realidade.

A abordagem dos instrumentos de ação pública, como propõem Lascoumes e Le Galès, permite uma análise mais abrangente e complexa da ação pública, considerando tanto os instrumentos técnicos quanto os aspectos sociopolíticos. A ação pública, em vez de ser apenas uma resposta técnica ou instrumental, é um campo dinâmico onde diferentes fatores, como as específicas pretendidas, os conteúdos interativos e os projetos dos atores envolvidos, também desempenham um papel crucial na sua definição e desenvolvimento.

David Halpern, Patrick Hassenteufel e Philippe Zittoun (2018) consideram que a sociologia da ação pública se insere no campo da análise das políticas públicas, mas com um olhar sociológico que enfatiza os processos de construção, disputa e transformação das políticas públicas, indo além das abordagens tradicionais, como as teorias racionais ou institucionalistas. O livro "Sociologia da Ação Pública" (2018), organizado por eles, sintetiza essa visão, combinando contribuições francesas (como a sociologia política das políticas públicas) e anglo-saxônicas (como o advocacy coalition framework).

Atualmente, algumas abordagens vêm sendo desenvolvidas por autores como Patrick Hassenteufel (Universidade de Versalhes) e Pierre Lascoumes (CNRS), e, aqui no Brasil, por autores como Osmany Porto de Oliveira e Eduardo de Lima Caldas, ambos da USP.

TAR E SUA APLICAÇÃO NA COMUNICAÇÃO

No campo da Comunicação, a TAR tem sido aplicada de diversas formas, oferecendo novas perspectivas para entender fenômenos midiáticos, tecnológicos e socioculturais. Sob as lentes da TAR, as tecnologias da comunicação não são meras ferramentas, mas actantes que moldam práticas comunicativas. O ciberespaço é uma rede de actantes humanos (usuários, moderadores) e não-humanos (protocolos de internet, algoritmos de recomendação). E as leis e normas são resultados negociados em redes que incluem governos, plataformas, usuários e

tecnologias. E a Inteligência Artificial, por exemplo, não é neutra; ela participa ativamente das redes, modificando comportamentos e relações.

Para lidar com essas novas dinâmicas e desafios trazidos pela internet, pelas plataformas digitais, pelos algoritmos e pela IA, alguns autores, como Lemos (2013), Gunkel (2017), Évora (2017) e Salgado (2018), alertam que o campo da comunicação precisa se ajustar, integrando as novas realidades da IA, do ciberespaço e suas implicações sociais. A comunicação como área de conhecimento está cada vez mais tomando o lugar de uma ciência piloto para cujas questões acabam convergindo muitas outras ciências.

Para Évora (2023), o campo da comunicação deve continuar a evoluir, incorporando novas abordagens e desenvolvendo um entendimento mais abrangente das interações entre humanos e máquinas, abordando questões de responsabilidade social e ética em um contexto em que as máquinas assumem papéis sociais significativos.

Salgado (2018), discute a noção de “mediação” proposta pela Teoria Ator-Rede e suas implicações nas pesquisas em comunicação. A noção de “mediação” para a TAR diz respeito à ação que faz fazer, isto é, a ação desencadeadora de efeitos, que podem ser descritos pela nomenclatura “rede”. A mediação é a ação que acarreta modificações no percurso e naqueles que agem, os actantes. Igualmente, a mediação altera o estado de coisas ao redefinir aqueles que se associam e a quais outros eles se vinculam. Essa vinculação ou associação é temporária e provisória. Ela dura o tempo que dura a ação. Tempo e espaço são produzidos em ação, posto que distribuídos entre variados actantes, coparticipantes da dinâmica em curso. (Salgado, 2018, p. 264).

Lemos (2013) defende uma abordagem metodológica alinhada à TAR, que envolve acompanhar os atores em ação e mapear as redes que eles formam. Ele sugere que os pesquisadores de comunicação devem estar atentos tanto aos aspectos técnicos quanto aos sociais, sem privilegiar um sobre o outro. A revelação dos agenciamentos e das mediações, inclusive, para o autor, é o que pode nos ajudar a compreender os diversos fenômenos da comunicação sob outro *prima*. Afinal, para Lemos, “a TAR pode ser vista como uma teoria da comunicação”. (Lemos, 2013, p. 68). O autor apresenta sete contribuições da TAR com pesquisas no campo da comunicação:

1. Evitar a purificação dos fatos;
2. Oferecer um método capaz de ultrapassar delimitações entre natureza, sociedade e discurso;

3. Reposicionar o entendimento sobre a mediação;
4. Apresentar o discurso midiático como rede de proposições;
5. Destacar a necessidade de não se abandonar o empírico em favor de estruturas;
6. Mostrar que o papel do analista é mapear redes de actantes mobilizados em determinada ação;
7. Flagrar a constituição interna de caixas-pretas.

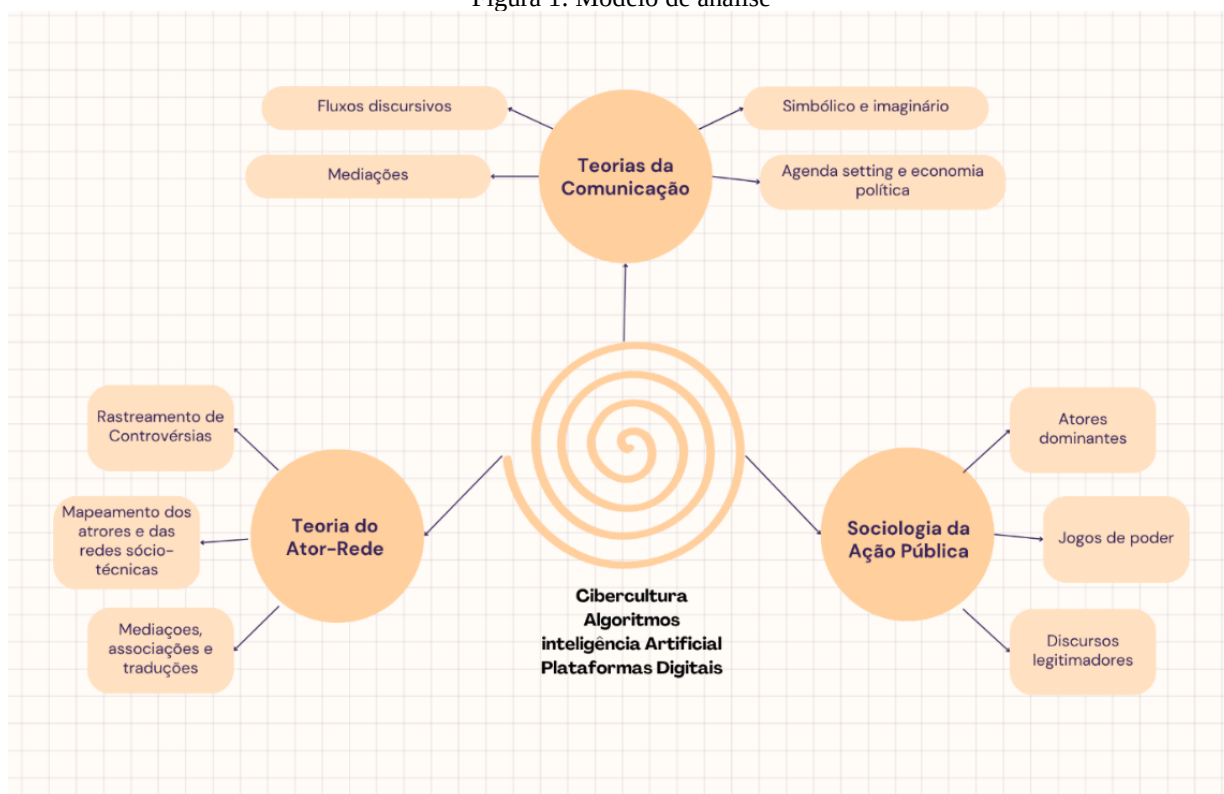
MODELO DE ANÁLISE

Com base na triangulação metodológica sugerida, desenvolvemos um modelo de análise para estudar os fenômenos comunicacionais contemporâneos, envolvendo a inteligência artificial e os sistemas algorítmicos usados nas plataformas digitais. O modelo proposto visa analisar a regulação da IA comunicativa — sistemas projetados para interagir com humanos via plataformas digitais.

Este modelo propõe uma triangulação metodológica entre a (TAR), que será utilizada para mapear as redes sociotécnicas envolvidas na regulação da IA, incluindo atores humanos (governo, empresas, sociedade civil) e não-humanos (algoritmos, plataformas, leis); com a SAP – que será utilizada para analisar os processos políticos e disputas de poder que moldam as políticas regulatórias; com apoio das TCs, que serão utilizadas para investigar os fluxos discursivos e as mediações simbólicas que influenciam a percepção pública da IA.

As IAs comunicativas redefinem as dinâmicas tradicionais da comunicação, exigindo uma abordagem que integre materialidade técnica (TAR), processos decisórios (SAP) e construção de significados (TC). Este modelo está sistematizado na figura abaixo.

Figura 1: Modelo de análise



Fonte: autoria própria

A aplicação desse modelo de análise pode ser dividida em três etapas:

1. Mapeamento das Redes (TAR), com a identificação dos actantes humanos: legisladores, empresas, governo, judiciário, academia, ONGs; e não-humanos: algoritmos de moderação, bases de dados, Projetos de Leis, etc. Além do rastreamento de controvérsias, como as disputas entre bigtechs, o Congresso, o governo e o Judiciário e análise de redes sociais.
2. Análise dos Processos Políticos (SAP), com o mapeamento das coalizões coalizões. Ex.: quem defende "autorregulação" vs. "intervenção estatal"? Analisar os instrumentos de regulação e como eles são negociados, como base na análise de conteúdo, reconstrução de trajetórias e mapeamento de atores.
3. Mediações Discursivas (TC), como os enquadramentos midiáticos, analisando como a mídia retrata a IA (como "risco" ou "oportunidade")? Além de estudar as apropriações culturais e realizar a análise de notícias, etnografia de fóruns online, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades de aplicação da teoria do ator-rede e da sociologia da ação pública nas pesquisas em comunicação podem ser diversas e positivas. As reflexões feitas nesta revisão bibliográfica possibilitam compreender que é possível realizar essa triangulação teórico-metodológica.

Em síntese, conclui-se que a TAR e a SAP compartilham interesses comuns ao entender como as ações coletivas são construídas por meio da interação entre múltiplos atores. Enquanto a SAP se concentra principalmente em atores humanos e processos de negociação, a TAR expande essa visão ao incluir não humanos como participantes ativos nas redes sociotécnica, e as teorias da comunicação podem complementar a análise com as mediações simbólicas.

Essas abordagens criticam dicotomias tradicionais e adotam uma perspectiva empírica e pragmática, focada em estudos de caso e análises concretas. Assim, a SAP pode ser vista como uma extensão ou complemento da TAR, oferecendo uma visão mais ampla dos processos sociais e políticos, sendo que as TCs permitem uma abordagem complementar aos processos mediáticos e as negociações simbólicas.

Neste sentido, ambas as abordagens oferecem um bom arsenal teórico e metodológico para as pesquisas no campo da comunicação, possibilitando uma abordagem simétrica entre humanos e não humanos, entendendo as redes sociotécnicas, as tecnologias digitais e a cibercultura como processos dinâmicos de associação e mediação, numa perspectiva crítica e interdisciplinar, rejeitando dicotomias tradicionais e enfatizando a agência de múltiplos atores.

No contexto da regulação da Inteligência Artificial e das plataformas digitais, a combinação dessas abordagens permite analisar como os atores humanos (como governos, empresas e usuários) e não humanos (como algoritmos e interfaces) interagem e negociam interesses. A SAP ajuda a entender as disputas políticas e institucionais, enquanto a TAR revela como as tecnologias e os dispositivos técnicos mediam essas relações, possuem poder de agência e influenciam a formação e implementação das políticas.

REFERÊNCIAS

CALLON, M. **Pour une sociologie des controverses technologiques. Sociologie de la traduction: Textes fondateurs**, p. 135-157, 2013.

DA SILVA, A. S. **A Ação Pública: um outro olhar sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas**. Revista Gestão & Políticas Públicas, v. 8, n. 1, p. 194-204, 2018.

D'ANDRÉA, C. F. B. **Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos**. Galáxia (São Paulo), p. 28-39, 2018.

DO CARMO DIREITO, D. **Sociologia da ação pública: análise de políticas públicas com acento francês**. BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 96, 2021.

FREITAS, C. S, et all. **Translating Policy to Code and Code to Public Policies: Algorithmic Instruments Shaping Brazilian Public Security Governance**. INCT.DD, 2024.

GUNKEL, David J. **Comunicação e inteligência artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação**. Galáxia (São Paulo) (34) • Jan-Apr 2017 • <https://doi.org/10.1590/1982-2554201730816>

HALPERN, C.; HASSENTEUFEL, P; ZITTOUN, P. **Policy analysis in France: introduction**. Policy press, 2018.

HASSENTEUFEL, P; SMITH, A. **Essoufflement ou second souffle? L'analyse des politiques publiques "à la française"**. Revue Française de Science Politique, 52: 53-73, 200253-73, 2002.

HASSENTEUFEL, P; DE OLIVEIRA, O. P. **Introdução à sociologia política da ação pública. Sociologia política da ação pública: teorias, abordagens e conceitos**. Brasília: Enap, 2021.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LASCOUMES, P.; LE GALÈS, P. **Sociologia da Ação Pública**. Editora da Universidade Federal de Alagoas, pp.244, 2012.

LASCOUMES, P; LE GALÈS, P. **A ação pública abordada pelos seus instrumentos**. Revista Pós Ciências Sociais, v. 9, n. 18, Abr. 2013. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/1331>. Acesso em: 15 junho 2025.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Unesp, 2000.

LATOUR, B. LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Editora Sulina, 2023. Eufba-Edusc, 2012.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Editora Sulina, 2023.

MARTINO, L. C.; BOAVENTURA, K. T. **O Mito da Interdisciplinaridade: história e institucionalização de uma ideologia**. In: E-Compós. 2013.

MARTINO, L. C. **Escritos sobre Epistemologia da Comunicação**. Porto Alegre: Sulina. 2017.

_____. **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.

_____. **Elementos para uma epistemologia da comunicação**. In FAUSTO NETO, A.; PRADO,

MARTINO, L. M. S. **A disciplina interdisciplinar: uma análise de 31 programas de ensino de Teoria da Comunicação**. Texto apresentado no GT Estudos Interdisciplinares no XVI Congresso da Intercom Sudeste. São Paulo, 10 a 12 de maio de 2011.

MENDONÇA, R. F.; FILGUEIRAS, F.; ALMEIDA, V. **Algorithmic institutionalis: the changing rules of social + political life**. Oxford University Press. 2023.

NATALE, S. **Deceitful media: Artificial intelligence and social life after the Turing test**. Oxford University Press, 2021.

RÜDIGER, F. **Questionamentos a uma teoria crítica da mídia que se apresenta como ciência: sobre a antropologia filosófica da comunicação de Muniz Sodré**. Mídia e tecnologia: relatos críticos de pesquisa. Porto Alegre, RS: Sulina, c2016. p. 13-48, 2016.

SALGADO, T. B. P. **Fundamentos Pragmáticos da teoria Ator-Rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online**. 2018.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano: da estrutura das mídias às subculturas**. S. Paulo: Paullus, 2008.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Editora Vozes Limitada, 2015.

VENTURINI, T. **Bruno Latour and Artificial Intelligence**. *Tecnoscienza–Italian Journal of Science & Technology Studies*, v. 14, n. 2, p. 101-114, 2023.